

PREFÁCIO

Quando o delegado de Polícia Leonardo Werther embarca no metrô em São Leopoldo, leva com ele todos os leitores, que a essas alturas já sabem do crime ocorrido no centro de Porto Alegre. Trata-se da terceira vítima do serial killer que vai nos desafiar até a última página.

Leandro Haach desenrola com sabedoria e maturidade esse thriller – nem parece ser seu primeiro livro do gênero – e nos mostra, desde o início, que todos os personagens embarcaram nessa aventura porque têm alguma coisa para contar. Ninguém viaja de graça – todos deixarão um pouco de sua alma nesse trajeto. Seus medos, suas aflições e seus segredos vão embarcando (ou desembarcando?) aos poucos em cada estação, puxados ou empurrados pelo delegado. Leonardo Werther é uma figura desenhada com tão meticulosa

maestria que não deixa dúvidas do quanto de humanidade, trabalho e paixão o autor dedicou para criá-lo. Cada leitor se transforma num fiel cúmplice à medida que os amores, as histórias e os conflitos pessoais do personagem vão sendo revelados.

O cenário é quase sempre uma Porto Alegre fria e chuvosa. Quem é gaúcho sabe do que estou falando, e quem não é vai sentir o vento frio cortando em cada esquina desse agosto. É lá que, desde o início, o autor vai revelando com perspicácia os ingredientes de sua história: crimes, investigação, intenções, motivações e revelações surpreendentes.

Antes do impactante desfecho, o leitor passa por estações não menos interessantes, curiosidades e informações pontuais que, de forma inteligente, Leandro usa para aliviar as tensões tanto do personagem como do leitor. Mas garanto que você não vai querer desembarcar antes da última estação.

Um conselho? Pegue um lugar na janela.

Marco Cena
Editor



Às cinco e meia da manhã, indiferente ao frio e à chuva do lado de fora, Ana Betriz Malmann iniciava sua costureira corrida de uma hora na esteira. Disposta e enérgica, como de hábito, ela acordara cedo. Aprendera com o pai a ter disciplina em seus horários e atividades. Da extensa e ampla sacada de seu apartamento, através do vidro, observava as luzes e o silêncio noturno que ainda se fazia nos altos do Centro Histórico. Preferia, contudo, os finais de tarde, quando podia assistir ao belo espetáculo do pôr do sol no Rio Guaíba, acompanhada de uma delicada taça de Chardonnay. Eram momentos somente dela, epifânicos, nos quais relaxava e agradecia pela boa vida que tinha.

Sentia-se bem consigo mesma. Loira, esguia, cabelos longos e olhos azuis, aos 34 anos ela era o que se pode chamar de uma mulher bonita e bem resolvida. Um casamento

sólido, uma filha linda de 3 anos, um emprego invejável em uma agência de publicidade, duas viagens internacionais por ano e um belo apartamento no bairro Centro Histórico de Porto Alegre. Ana tinha “pedigree”. Fora bem educada pela mãe, uma impecável Hausfrau¹, e pelo pai, um general de quatro estrelas do Exército. A tradicional família Malmann, formada por imigrantes alemães, costumava dar nome a ruas, escolas e praças em sua cidade natal de Estrela, distante pouco mais de 100 quilômetros da capital gaúcha.

O marido de Ana Beatriz, Ricardo Araújo, era 12 anos mais velho. Embora não tivesse a mesma disciplina da esposa, ele também era adepto de exercícios físicos. Quando não estava viajando, costumava fazer musculação e correr na orla do Guaíba, duas ou três vezes por semana, o que o ajudava a manter o mesmo porte físico dos tempos em que fora jogador de futebol.

Naquela manhã eles mal se falaram. O final de semana na Serra, em Gramado, não tinha sido dos melhores. Haviam discutido por bobagem, um comentário político, mas o suficiente para criar uma pequena nuvem de silêncio provocada por diferenças ideológicas.

Mas a verdade é que se amavam. Enquanto Ana Beatriz estava às voltas com os preparativos da mochila da filha, que ainda dormia no quarto, Ricardo fazia a mala para mais uma viagem semanal a São Paulo. Na saída do apartamento, já no elevador, entreolharam-se como dois adolescentes envergonhados e desataram a rir. Depois do beijo, abraçaram-se e sacudiram-se com Letícia no colo dele, também sorrindo, sem entender muito bem aquele cômico tratado de amor e paz familiar. Era o último momento sublime dos três juntos.

¹ “Dona de casa” em alemão original.

Despediram-se com o elevador parado no saguão de entrada do edifício. Ela ainda desceria mais um andar até o subsolo para pegar o carro, enquanto ele corria da chuva com mochila e mala de mão a fim de apanhar o táxi que o esperava na portaria do prédio.

Os dois dias passariam logo, pensava Ana, e em breve eles estariam bebendo um espumante e fazendo amor na banheira. Era tão bom quando estavam bem. Os dias, mesmo plúmbeos como aquela segunda-feira, eram leves e fáceis de superar. Tinham um ao outro, não valia a pena discutir por coisas banais, perder tempo com o que por vezes roubava-lhes a tranquilidade. Ao estacionar, bem próxima à creche da Rua Coronel Fernando Machado, notou que um homem alto e elegante, com um guarda-chuva aberto, caminhava na calçada em sua direção. Parecia um rosto conhecido. Imaginou que fosse mais um pai que deixara o filho ou a filha na escolinha. Sem perceber, enquanto desprendia Letícia da cadeirinha no banco de trás do carro, o homem aproximou-se e bateu no vidro do caroneiro.

– Bom dia! Tudo bem? Está chovendo, posso ajudá-la?
– perguntou ele, com um sorriso terno no rosto, que transparecia amabilidade e inspirava confiança.

Ana Beatriz entreabriu o vidro para ouvir melhor e também para agradecer a gentileza. Mas em uma fração de segundos, como se ele conhecesse cada detalhe e recurso do BMW X1, o homem de movimentos ágeis meteu o braço para dentro da porta e a abriu de forma brusca. Ela já não via o sorriso e a aparente atitude calma do cavalheiro educado, mas a truculência de um animal em fúria, que passava uma corda fina e rígida em seu pescoço. Em segundos, o pânico se apossou dela. Sentindo que o ar começava a lhe faltar, Ana Beatriz se debatia em desespero enquanto tentava

voltar-se para proteger a filha – era tudo que lhe importava naquele instante. Já quase sem forças, em meio a movimentos acelerados e desordenados, o máximo que conseguiu foi soltar um grito gutural no momento em que bateu a cabeça com violência contra o vidro da porta do carro. Era o fim. A vida de Ana Beatriz Malmann se esgotava diante dos olhos frios e tenebrosos do psicopata. Sem ao menos virar-se para o banco de trás, o homem de casaco marrom pegou o guarda-chuva e saiu do carro como se nada tivesse acontecido.

Letícia, sozinha, chorava e chamava pela mãe morta de olhos abertos e petrificados.